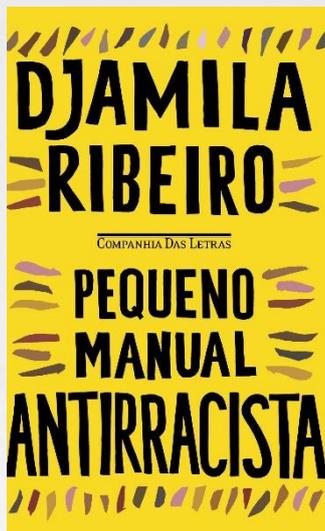


RESENHA
Pequeno manual antirracista

*Clerislânia de Albuquerque Sousa*¹
Universidade Estadual do Ceará



RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 135 p.

ALBUQUERQUE SOUSA, Clerislânia de. **Pequeno manual antirracista (Resenha)**.
Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 8 (17): 465-470, maio a agosto de 2021.
ISSN: 2358-5587

¹ Doutoranda em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); mestre em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Integrante do Grupo de Pesquisa do CNPq Democracia, Partidos e Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós-Graduada em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

A escravidão é uma das maiores marcas da história do Brasil e suas cicatrizes são percebidas na atualidade através das desigualdades existentes entre brancos e negros, o que corrobora para a compreensão de que somos um país racista. Discutir esse tema é necessário e fundamental a fim de tentar minimizar as consequências que séculos de escravidão reverberam em pleno século XXI, as quais podem ser observadas na dificuldade de acesso a direitos básicos, como saúde e educação. A partir deste cenário, onde percebe-se a urgência em tratar uma questão tão delicada da história do país, Djamila Taís Ribeiro dos Santos lança pela Companhia das Letras, em 2019, o livro *Pequeno Manual Antirracista*, vencedor do Prêmio Jabuti na categoria ciências humanas em 2020. Escrito em uma linguagem clara e acessível, Djamila Ribeiro desenvolve em dez capítulos breves e inquietantes o quanto a escravidão interfere na vida da população negra até os dias atuais, levando os leitores a terem uma visão crítica e reflexiva sobre esse assunto.

Mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo, Djamila Ribeiro é figura atuante nas discussões sobre relações de gênero, raça e feminismos, autora de outros títulos como *Lugar de Fala* (2017), *Quem tem Medo do Feminismo Negro?* (2018) e *Cartas para minha avó* (2021). É coordenadora da coleção *Feminismos Plurais*, coletânea que discute inúmeras temáticas que convergem com problemas que permeiam a sociedade como um todo, tais como racismo estrutural, interseccionalidade e empoderamento.

No capítulo um, intitulado “Informe-se sobre o racismo”, Djamila Ribeiro destaca a importância de reconhecer que o Brasil é um país racista, o que pode ser notado pelas tentativas em buscar soluções que atenuassem o problema da miscigenação no Brasil, atribuição que ficou sob responsabilidade dos “homens de ciência”, segundo Lília Schwarcz em sua obra *O Espetáculo das Raças* (1993), assim como, outras produções, tendo grande destaque o discurso da democracia racial, disseminado na obra *Casa-grande e senzala* de Gilberto Freyre, onde negava a ideia de que houve racismo no Brasil. Segundo o livro de Djamila Ribeiro, o clássico de Gilberto Freire “romantiza as violências sofridas pela população negra ao escamotear a hierarquia racial com uma falsa ideia de harmonia” (p. 20). A autora reforça um ponto fundamental neste capítulo: a necessidade de intitular as opressões, uma vez que “não podemos combater o que não tem nome” (p. 21). Partindo disso, é indispensável ter o entendimento do que é o racismo e, principalmente, de quando acontece uma prática racista, para, assim, combater condutas deste tipo.

“Enxergue a negritude” é o título do capítulo dois, no qual a autora traz, a partir de sua vivência pessoal, a maneira precoce com que os negros precisam lidar acerca de sua situação racial. No âmbito escolar, Djamila Ribeiro percebeu que era diferente em um mundo protagonizado pelos brancos, onde tal percepção é ratificada de longa data, corroborando tanto pra a discriminação quanto para o desinteresse em tratar sobre o tema. O capítulo também aborda a forma estereotipada que a população negra é tratada, quer seja pela suposta limitação de suas capacidades, pelo questionamento do seu “potencial”, ou até mesmo pelo tipo de tratamento complacente, que muitas vezes aparece de forma indireta como um elogio. Compreendendo-se um contexto de dominação, houve uma movimentação dos negros para acabar com o rótulo dado a eles em inúmeros campos, como

literatura, artes, educação, dentre outros segmentos sociais, buscando trazer soluções e principalmente tirar os negros do status de coadjuvantes na sociedade.

O capítulo três, “Reconheça os privilégios da branquitude”, questiona a importância de os brancos reconhecerem sua posição de privilégio resultante de sua cor, o que geralmente não acontece, devido a naturalização da invisibilidade de pessoas negras em antologias, obras audiovisuais e espaços de poder em geral. Considerando-se que o percentual de negros e pardos no Brasil corresponde a 54%, segundo dados do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no mínimo deveriam ser questionáveis tais discrepâncias, assim como, entender que sua cor revela um espaço de privilégio. A partir do momento em que o branco entende essa vantagem decursiva de sua cor, ele deve ter um posicionamento antirracista.

“Perceba o racismo internalizado em você” é a temática discutida no capítulo quatro. A autora explana acerca do consenso sobre a existência do racismo no Brasil, ao passo que as pessoas não se consideram racistas, o que acaba sendo contraditório se considerarmos que o racismo estrutural é uma realidade em nossa sociedade, que pode ser percebida através de uma brincadeira inocente entre amigos ou uma piada. Ter um posicionamento mais crítico sobre situações racistas é primordial para que possamos combatê-lo, sendo responsabilidade de todos, sobretudo, dos brancos, educar e conscientizar as gerações futuras.

No capítulo cinco, “Apoie políticas educacionais afirmativas”, são tratadas as disparidades existentes para o acesso à educação entre pessoas que possuem um nível educacional de qualidade de base, contrastando com pessoas que vivenciam uma condição social mais vulnerável e o quanto isso impacta no acesso ao ensino superior. O capítulo também explora a importância de políticas públicas que proporcionaram o acesso de estudantes à universidade por meio de ações afirmativas, o que expôs o excelente desempenho destes estudantes, muitas vezes considerados como uma ameaça para seus concorrentes de escola privada.

A importância da representatividade no âmbito profissional é o tema discutido no capítulo seis “Transforme seu ambiente de trabalho”. O conteúdo informa a necessidade de processos seletivos que permitam pessoas negras a concorrer a determinadas vagas, uma vez que os próprios pré-requisitos da vaga já excluem indiretamente essas pessoas, ao mesmo tempo que também trata sobre o baixo quantitativo de negros em cargos de liderança. Em outros países, já ocorrem avanços significativos acerca da destinação de vagas para grupos específicos, já no Brasil existe uma movimentação de algumas empresas a fim de criar um ambiente de trabalho mais plural, desse modo, adotando uma política de diversidade.

O capítulo sete, “Leia autores negros”, debate o quanto a literatura produzida por negros precisa ser disseminada nos espaços de conhecimento, como escolas e universidades, já que é pouco difundida nesses ambientes, sendo uma proporção ainda maior quando falamos sobre obras de autoras negras. É importante destacar a existência de uma vasta produção destes autores e autoras, os quais serviram de referência para a construção deste livro que está sendo resenhado, o que denota o amplo conteúdo disponível. O silenciamento da produção desses autores reflete no enfraquecimento do debate diante de assuntos que estão intrínsecos em nossa sociedade, como o racismo. Por fim, Djamilia Ribeiro encerra o capítulo recomendando conhecer as obras de intelectuais negros e negras a fim de impulsionar e estimular essas produções tão necessárias.

“Questione a cultura que você consome” é o título do capítulo oito. A autora faz o leitor refletir criticamente sobre o tipo de conteúdo que está absorvendo,

pois muitas vezes é transmitido de uma maneira romantizada, camuflando um viés opressor. O capítulo também argumenta sobre a maneira equivocada com que pessoas negras foram retratadas em novelas, sendo interpretadas por atores brancos, bem como a forma estereotipada com que os negros são representados, quer seja com um perfil de pessoas marginalizadas como “alcoólicos”, “homossexual”, entre outros, o que é definido como “racismo recreativo”. Segundo Adilson Moreira, autor do livro *Racismo Recreativo* (2019: 148), o mesmo é caracterizado “como um projeto de dominação que procura promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor”.

O capítulo nove, “Conheça seus desejos e afetos”, investiga a objetificação da mulher negra, visto que historicamente isso já é retratado, tendo na obra de Gilberto Freyre, *Casa-grande e senzala*, trechos que demonstram que o equívoco deste tipo de percepção vem de longa data. A sexualização atribuída às mulheres negras as expõe a situações constrangedoras, desagradáveis e, muitas vezes, violentas. Djamila Ribeiro também aponta um tema marcante: a solidão da mulher negra. Considerando o racismo como um dos alicerces das sociedades modernas e contemporâneas, as mulheres negras ficam à deriva de relacionamentos estáveis, fato que pode ser comprovado pelo último Censo do IBGE, que apresentou um índice baixo de mulheres negras casadas. Outro ponto tratado no capítulo refere-se às relações com a trabalhadora doméstica, sendo esta, na maioria dos casos, negra e considerada “quase da família” sem as devidas condições de trabalho e direitos trabalhistas. Nesse sentido, conforme exposto pela autora, “é mais fácil amar pessoas negras quando elas estão no seu devido lugar” (p. 89).

Encerrando a obra, o capítulo 10, “Combata a violência racial”, apresenta um tema delicado: o número de assassinatos no Brasil, sendo o seu maior contingente de pessoas negras. Dentro deste percentual, a população jovem é a que tem mais vidas ceifadas. Nesse prisma, também são enfatizados a violência policial e o perfil da população carcerária, esta também constituída por um alto número de mulheres negras em comparação às mulheres brancas. Sobre a população carcerária, o livro *Encarceramento em Massa* (2019: 22), de autoria de Juliana Borges, discute como um passado histórico marcado pelo racismo condena a população negra, uma vez que “tanto o cárcere quanto o pós encarceramento significam a morte social desses indivíduos negros e negras”. O somatório de mortos e encarcerados negros não causa a mesma indignação se comparado ao de pessoas brancas, e, partindo desse silenciamento, muitos movimentos vêm atuando para dar voz e, principalmente, indagar essa ideologia que busca criminalizar somente um lado.

O livro de Djamila Ribeiro motiva o leitor a fazer um exercício de autoconhecimento e compreender, através de várias esferas, as desigualdades e assimetrias existentes em nossa sociedade, derivados de um sistema de opressão secular. Procurar questionar esse sistema e entender que vivemos em um contexto pautado por privilégios é o primeiro passo. Por isso, sejamos todos antirracistas!

Recebido em 27 de abril de 2021.
Aprovado em 30 de agosto de 2021.

Referências

BORGES, Juliana. *Encarceramento em massa*. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019. 144 p.

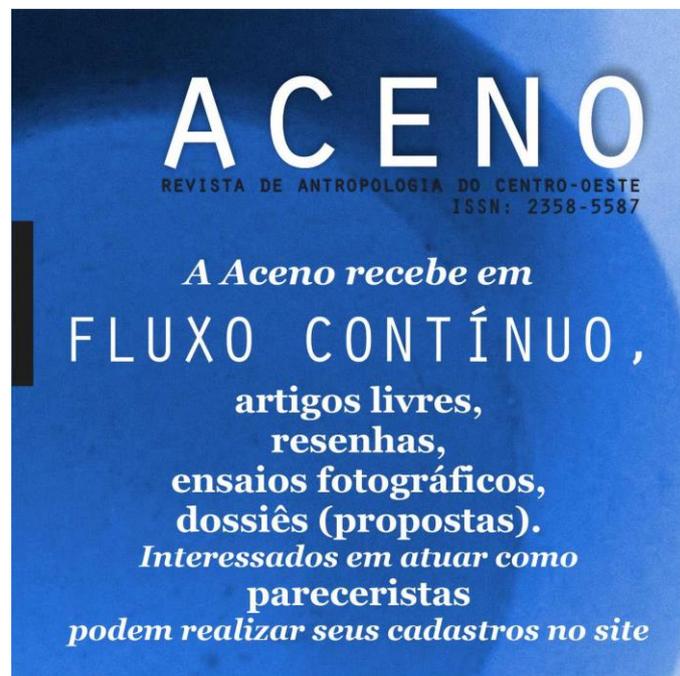
FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MOREIRA, Adilson. *Racismo Recreativo*. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019. 232 p.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 135 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 373 p.



ACENO
REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

A Aceno recebe em
FLUXO CONTÍNUO,
artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).
Interessados em atuar como
pareceristas
podem realizar seus cadastros no site